

Engenharia de Produção, Jornalismo e Serviço Social têm reforma curricular

A partir de 2015, três cursos de graduação da UERJ terão nova grade de disciplinas. O mais antigo entre eles, Serviço Social, que acaba de completar 70 anos, tem na reforma o intuito de aproximar ainda mais a formação dos assistentes sociais das diretrizes curriculares propostas pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), aprovadas pela categoria profissional em 1996. Segundo a professora Andréa Gama, vice-diretora da Faculdade de Serviço Social, a mudança atualiza conteúdos, dá mais ênfase a alguns deles, redistribui a carga horária de algumas disciplinas e amplia a oferta de matérias eletivas, sem alterar o projeto de formação profissional que já existia. Para a professora, a expectativa é de que o novo currículo, que começa a ser implantado no segundo semestre de 2015, “aprofunde a capacidade crítica dos estudantes; favoreça maior articulação entre a graduação e a pós-graduação; e, por oferecer um maior número de disciplinas eletivas, facilite o processo de pesquisa e de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).”



Quarenta e dois anos mais jovem, o curso de Jornalismo da UERJ foi criado, em 1986 como uma habilitação da área de Comunicação Social. A alteração da sua grade curricular tem como proposta adequá-la às novas diretrizes estabelecidas pelo MEC em 2013 e atender o que está em discussão desde 2009 no Departamento, diz o professor Marcelo Kischinhevsky, atual subchefe do Jornalismo. O professor, que até outubro foi coordenador de graduação da Faculdade de Comunicação Social, teve como uma das suas atribuições promover a reforma curricular do curso: “As principais mudanças acordadas para o novo currículo que começa a vigorar no primeiro semestre de 2015 são: a independência do curso, que deixa de ser uma habilitação da Comunicação Social; o crescimento da carga horária (de 2.575 para 3.600 horas-aula), com maior equilíbrio entre o número de disciplinas teóricas e o número de disciplinas práticas, além do fortalecimento das atividades laboratoriais, que começam no primeiro período e se estendem por toda a grade; e o aumento de disciplinas eletivas, tanto universais como restritas”, esclarece.



A graduação mais nova das três, Engenharia de Produção, foi criada em 1993 como parte da Faculdade de Tecnologia da UERJ e passa agora pela sua primeira reforma curricular, que começa a vigorar também no primeiro semestre de 2015. O objetivo é acompanhar o crescimento da área, que deixou de ser considerada como apoio às engenharias consideradas mais tradicionais. “Em vez de o curso ter ênfase em mecânica e química – uma demanda da região sul-fluminense na ocasião da criação do curso – foram criados cursos plenos, independentes, de Engenharia Química e Engenharia Mecânica. A Engenharia de Produção passou a contar com disciplinas mais específicas, relativas à integração energética, à logística, à gestão de processos, a marketing e a empreendedorismo, por exemplo,” explica o professor Jacques Dias, diretor da FAT. O professor diz que a expectativa “é de que a partir desse novo currículo os alunos adquiram uma formação mais ampla, capaz de lhes dar uma visão mais integral de todo o processo relacionado à produção.”

Novos Conselheiros do CONSUN e CSEPE tomam posse

No dia 14 de novembro foram empossados os representantes eleitos para o Conselho Universitário e para o Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. A eleição para o biênio 2014-2016 aconteceu entre os dias 4 e 6 de novembro e definiu para o Conselho Universitário um representante docente de cada unidade acadêmica, um representante docente do Hospital Universitário Pedro Ernesto, um representante docente de cada centro setorial, três representantes técnico-administrativos de unidades acadêmicas, três representantes

técnico-administrativos do HUPE e dois representantes técnico-administrativos da administração central. Para o Conselho Superior de Ensino e Pesquisa foram eleitos dois representantes docentes de cada Centro Setorial e representantes docentes de cada categoria do magistério (auxiliar, assistente, adjunto, associado e titular). Além dos representantes eleitos, participaram da cerimônia no plenário dos Conselhos no *campus* Maracanã o Reitor Ricardo Vieiralves, o Vice-reitor Paulo Roberto Volpato; as Sub-reitoras e os diretores dos Centros Setoriais.

Pesquisadora da UERJ conquista prêmio dedicado a mulheres cientistas

A física Letícia Faria Domingues Palhares foi uma das sete vencedoras da 9ª edição brasileira do Prêmio *For Women in Science* (Para as Mulheres na Ciência), promovido pela L'Oréal Brasil, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e pela Academia Brasileira de Ciências. O Prêmio é concedido anualmente a jovens doutoras (no máximo cinco anos de titulação) que desenvolvam trabalhos científicos em instituições brasileiras de pesquisa nas áreas de Ciências Físicas; Ciências Biomédicas, Biológicas e da Saúde; Ciências Químicas; Ciências Matemáticas. Além da visibilidade ao trabalho das cientistas, o concurso incentiva a continuação dos projetos selecionados, oferecendo o equivalente a US\$ 20 mil de bolsa-auxílio para cada premiada.

Entre os 300 trabalhos inscritos nas seis áreas, Letícia concorreu ao prêmio com o projeto de pesquisa “Da cromodinâmica quântica à natureza: caminhos em construção”, desenvolvido no Departamento de Física Teórica da UERJ. Trata-se de uma investigação sobre a interação dos quarks e glúons, componentes que se encontram no interior dos prótons e nêutrons, que são as partículas constituintes do núcleo dos átomos de praticamente toda a matéria com a qual nos deparamos no dia-a-dia, inclusive nós mesmos, os seres humanos. A investigação pretende desvendar as propriedades mais íntimas dessa matéria e precisar as formas que a mesma poderia assumir se exposta a condições extremas (altíssimas temperaturas e altíssimas densidades). Segundo a pesquisadora, apesar de a Cromodinâmica Quântica (teoria que descreve a interação entre os quarks e glúons) ter permitido, ao longo de mais de 40 anos a precisão em diversas previsões de fenômenos da natureza, os quarks e glúons nunca foram observados diretamente devido à condição de confinamento a que estão submetidos – situação que se



apresenta ainda hoje como um dos grandes desafios da física teórica.

A cerimônia de entrega do prêmio ocorreu no dia 21 de outubro, no Hotel Copacabana Palace. Para Letícia Palhares, mais que um reconhecimento, a homenagem serviu como estímulo: “Fiquei surpreendida ao ver por parte da L’Oréal, empresa privada, uma verdadeira preocupação em valorizar, em dar destaque, à Ciência. Como pesquisadora sinceramente nunca me imaginei sendo homenageada num ambiente como esse, palco de celebridades. Senti-me realmente prestigiada. Para nós, mulheres, esse período logo após o doutorado costuma ser de muito questionamento, quando nos perguntamos se vale mesmo a pena tanto esforço, encarar uma carreira tão competitiva. Além de um reconhecimento do meu trabalho, do ponto de vista profissional o prêmio significa um ‘empurrão’, um apoio para seguir em frente.” Com a bolsa-auxílio, Letícia pretende comprar um computador de alta tecnologia para fazer simulações necessárias ao andamento do projeto e investir em viagens para participar de conferências internacionais e obter colaboração para a sua pesquisa.

Com 30 anos de idade, a pesquisadora é bacharel, mestre e doutora em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo cursado um ano de período sanduíche no Institut de Physique Théorique do CEA-Saclay, na França; cumprido seis meses de pós-doutoramento na UERJ; quase dois anos mais no Institut für Theoretische Physik da Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, na Alemanha. Voltou à UERJ em 2014 para o desenvolvimento do projeto de pesquisa que lhe rendeu o prêmio.

Além de Letícia Palhares, foram premiadas Ana Shirley Ferreira da Silva (Ciências Matemáticas), da Universidade Federal do Ceará; Carolina Horta Andrade (Ciências Químicas), da Universidade Federal de Goiás; Ludhmila Abrahão Hajjar (Ciências Biomédicas), do Instituto do Coração, São Paulo; Manuella Pinto Kaster (Ciências Biomédicas), da Universidade Federal de Santa Catarina; Maria Carolina de Oliveira Rodrigues (Ciências da Saúde), da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; e Patricia de Souza Brocardo (Ciências Biológicas), da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ítalo Moriconi, Editor Executivo da Editora da UERJ

A EdUERJ comemora 20 anos em dezembro de 2014. Instituída pela Resolução nº 517/94 do Conselho Universitário, a Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro foi criada para atender as demandas editoriais da Instituição. Hoje, com um catálogo que supera 330 títulos e algumas premiações – em 2014 teve uma obra indicada ao Prêmio Jabuti pelo quarto ano consecutivo –, a Editora se prepara para ingressar no mundo digital. À frente da EdUERJ há sete anos está o professor do Instituto de Letras, Ítalo Moriconi, graduado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, mestre e doutor em Letras pela PUC-Rio e pós-doutorado em Comunicação pela UFRJ. Nesta entrevista, ele fala sobre a trajetória da EdUERJ, aponta desafios da sua gestão e comenta o futuro da produção editorial.



Quais foram os principais desafios e as principais conquistas como editor, em sete anos à frente da Editora da UERJ?

Enfrentei vários desafios. Um foi a própria infraestrutura da Editora: ampliamos as instalações, fizemos uma reforma, com o apoio da Reitoria e da FAPERJ. Outro desafio foi fortalecer a marca universitária, reduzindo o número de coedições. Trabalhamos para firmar a nossa marca, que hoje tem muito prestígio acadêmico. Um terceiro desafio foram as traduções, as negociações de contratos internacionais, para que pudéssemos ter um catálogo de referência de excelência acadêmica.

Muitos livros editados pela EdUERJ recebem apoio de agências de fomento. Quais são as agências que mais apoiam e como contribuem para divulgação da produção acadêmica? Há alguma variação nessas duas décadas?

De longe, a agência que mais financia livros é a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, a FAPERJ, que tem uma política de financiamento direto de livros – reproduzindo o que alavancou a produção científica em São Paulo anos atrás (*referindo-se à FAPESP*). A Capes e o CNPq financiam através de recursos que são do professor ou do programa de pós-graduação, não é um financiamento direto. Tivemos um crescimento exponencial nos últimos quatro anos no que se refere à FAPERJ: chegamos a 18 títulos só no ano passado.

Qual é o percentual de livros de professores/pesquisadores da UERJ nessa produção da Editora?

Não tenho o número exato, mas posso dizer que no mínimo a metade dos nossos títulos é de professores da UERJ.

Poderia fazer uma avaliação dos 20 anos da Editora em relação à variedade dos títulos, aos títulos publicados e à origem dos autores?

Não fizemos nenhuma revolução. O que fizemos foi aprofundar uma tendência do perfil da EdUERJ, que publica livro de todas as áreas, com ênfase em Ciências Humanas, o que é

comum entre as editoras universitárias. Mas também publicamos livros em áreas técnicas – temos inclusive livros para uso na graduação, a *Coleção Comenius* – há uma diversidade grande de temas. Somos uma editora universitária com o propósito de servir como canal para a produção científica de todo o Brasil, temos autores de todas as regiões. Esse é um fator de valorização, porque no campo da avaliação acadêmica há dois tipos de editoras universitárias: aquela que publica obras apenas da própria universidade, o que é válido, e o tipo da EdUERJ, que faz parte do time de editoras que são referência nacional e até mesmo internacional. Estamos trazendo algumas traduções e fazendo muito esforço para vender a produção no exterior – estamos na Feira de Frankfurt e pretendemos participar da Feira de Guadalajara. É um processo lento, mas que deve avançar, pois vamos começar a colocar nossos livros em uma plataforma global de e-books, a OpenEdition.

Com esses avanços dos recursos tecnológicos, quais são os rumos possíveis da produção literária?

Acho que a produção acadêmica universitária está de vento em popa. O Brasil tem uma produção que está crescendo muito de qualidade em várias áreas, observo essa expansão. Impresso ou *on-line* é uma questão menor, porque interessa é a produção de textos, que está crescendo e vai continuar crescendo.

Como a EdUERJ se prepara para o futuro, que ações estão programadas?

Vamos entrar na produção digital – espero que a partir de 2015 isso se torne uma realidade. Estamos contemplando várias plataformas, como a SciELO e a OpenEdition, e também me reuni com representantes da Editora da FGV para compartilhar uma plataforma daquela instituição. Esse foi um assunto muito trabalhado internamente em 2014 e que, espero, dê frutos em 2015, o último da minha gestão. Pretendo deixar para o próximo diretor ou diretora uma estrutura já digital.

Professores de Química, do IBRAG, de Letras e da FAF ganham Prêmio Anísio Teixeira

Iniciativa da Sub-reitoria de Graduação através da Coordenadoria de Avaliação, Projetos Especiais e Inovação, o Prêmio Anísio Teixeira representa o reconhecimento do trabalho dos professores em sala de aula: são premiados um de cada Centro Setorial, selecionados por indicação aberta feita pelos alunos de graduação.

Receberam o Prêmio na cerimônia realizada no dia 15 de dezembro na Capela Ecumênica, os professores Nilo Índio do Brasil, do Instituto de Química; Jayme da Cunha Bastos, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes; Henrique Marques Samyn, do Instituto de Letras; e Marcus Brauer Gomes, da Faculdade de Administração e Finanças.

Na entrega do Prêmio foram apresentados dados que revelam o que os eleitores, estudantes de graduação, pensam sobre o corpo docente. Incentivados a apontar os critérios que os levaram a indicar o professor, 91% dos alunos mencionaram o “nível de enriquecimento possibilitado pelos conteúdos ministrados”, enquanto 88% indicaram critérios relativos à postura do professor em sala de aula e ao relacionamento com os alunos. Os alunos também mediram a atuação geral do corpo docente das suas unidades: 74% avaliaram positivamente o quadro de professores dos seus institutos ou faculdades e 42%



consideraram boa ou muito boa (32%) o desempenho dos professores. “É claro que seria bom atingir os 100%, mas um resultado positivo como esse significa que estamos bem e que os docentes estão atendendo adequadamente às expectativas”, observa a professora Celly.

Segundo os dados da SR1 sobre a votação, apesar do CCS apresentar maior participação da Faculdade de Direito (42% do total) e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (23%), o eleito foi um professor da FAF, unidade que teve 20% dos eleitores. O mesmo ocorreu no CTC, de acordo com o levantamento o Centro com maior envolvimento e participação dos alunos: a Faculdade de Engenharia teve quase o dobro de participantes (31%), mas foi um professor do Instituto de Química (16% dos votantes) que ganhou o Prêmio. A professora Celly acredita que essa diferença se deve à dispersão do número de indicados nos centros setoriais com maior participação de alunos. Na primeira edição do Prêmio em 2013, estudantes da Engenharia fizeram uma campanha

virtual pelo Facebook para que o Prêmio fosse para o professor Luciano Rodrigues Ornelas de Lima, que recebeu efetivamente a homenagem.

Outro fato curioso na premiação este ano foi o tempo dos eleitos como docentes: dois deles lecionam há mais de 30 anos e dois ainda estão na primeira década da profissão – caso do professor Marcus Brauer, formado em Administração Industrial pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), que começou a dar aula na UERJ em 2004, como contratado, enquanto trabalhava na Eletrobras. O professor Henrique Marques Samyn, o mais novo entre os homenageados, é professor da UERJ desde 2012, mas a sua relação com a Universidade já tem 17 anos, desde o ingresso no curso de Filosofia da Universidade em 1997, onde também se formou em Filosofia e Letras, fez dois mestrados (Filosofia e Psicologia Social), o doutorado e o pós-doutorado (ambos na área de Letras).

O professor Jayme da Cunha Bastos, graduado em Ciências Biológicas pela Universidade em 1974, leciona

desde 1977 na UERJ. Entre os seus alunos estão o atual diretor do IBRAG, professor Jorge José de Carvalho, e o Reitor Ricardo Vieiralves de Castro. Jayme, que lecionou também na Universidade Gama Filho e no Instituto Nacional de Câncer, é um entusiasta da graduação e identifica a iniciativa do Prêmio como uma atenção merecida. O professor Nilo Índio do Brasil, por sua vez, esteve na Universidade em diferentes momentos: formado em Engenharia Química pela Universidade do Brasil (hoje UFRJ) em 1968, foi professor substituto na UERJ entre 1981 e 1982; professor contratado entre 1993 e 1994 e professor efetivo em 2000. Ele credits o Prêmio que recebeu à atenção oferecida aos alunos em qualquer momento, mesmo que suas disciplinas não sejam das mais fáceis: “Não sou o professor bonzinho. Muitos são reprovados nas minhas matérias, mas eles gostam de mim. Ser eleito pelos alunos sem ter sido candidato a nada é muito gratificante”, comemorou o professor.

Cada professor recebeu pela uma placa e um vale-brinde de R\$ 350,00 para aquisição de livros na Livraria Travessa. Estiveram presentes na cerimônia presidida pela professora Celly Saba, a Sub-Reitora de Graduação, professora Lená Medeiros de Menezes, e os diretores dos quatro centros setoriais.



Reitor: Ricardo Vieiralves Vice-reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira Informe UERJ – Edição de texto: Graça Louzada Apuração: Fausto Jr.

e Lorena Forti, Fotos: Andréia Rêgo Projeto Gráfico e editoração: Rafael Bezerra • Tiragem: 1.000 exemplares Impressão: Gráfica UERJ •

Contato: comuns@uerj.br